

1

Tessa

Sempre que oiço uma tragédia alheia, não me impressiono desde logo com o acidente, o diagnóstico ou o que for – ou sequer com as ondas do choque inicial ou as sequelas consequentes. Em vez disso, dou por mim a reconstruir aqueles momentos finais, banalíssimos. Os momentos que moldam as nossas vidas. Momentos que damos por garantidos – e que, muito provavelmente, esqueceríamos não fosse pelo que aconteceu a seguir. As fotos instantâneas do *antes*.

Consigo visualizar tão claramente a mulher de 34 anos a tomar duche num sábado à noite, alcançando o seu esfoliante com cheirinho a damasco, pensando no que vestir para a sua festa, rezando para que o borracho da cafetaria da esquina apareça, até sentir subitamente o inequívoco caroço no seio esquerdo.

Ou o pai dedicado, levando a sua filha a comprar os tão ansiados «jeans-de-primeiro-dia-de-aulas», cantarolando o *Here Comes The Sun* a dar na rádio, informando-a pela enésima vez que os Beatles foram «sem sombra de dúvida, a maior banda de sempre», enquanto o adolescente de olhos inchados devido ao excesso de Budweisers dessa noite passa o sinal vermelho.

Ou o *quarterback* da equipa de futebol americano da escola secundária, pleno de esperança e orgulho, treinando no campo, na véspera do grande jogo, acenando à namoradina sentada no lugar do costume, bem perto da vedação, antes de dar um salto no ar para fazer aquele *catch* que mais ninguém consegue – e finalmente cair no chão, de cabeça e num ângulo angustiante.

Penso na ténue linha que nos separa a todos do infortúnio, como que metendo umas moedas no meu «parquímetro de gratidão», salvaguardando-me de um terrível *depois* a acontecer-me a mim. A nós. A Ruby, Frank, Nick e eu. Ao nosso *quarteto maravilha* – fonte, tanto das minhas maiores alegrias, como das mais angustiantes preocupações.

E então, quando o *bip* do meu marido começa a apitar a meio do jantar, não me deixo consumir pelo ressentimento ou, sequer, pela desilusão. Digo a mim mesma que isto é apenas uma refeição, um serão como outro qualquer, mesmo tratando-se do nosso aniversário de casamento e o primeiro encontro a dois decente que Nick e eu temos desde há um bom par de meses. Não tenho motivos para me aborrecer, sobretudo quando comparado ao que outros estão a sentir neste exacto momento. Não se trata daquela hora que virei a rebobinar até ao fim da minha vida. Ainda pertença ao rol dos afortunados.

– Bolas! Desculpa, Tess! – exclama Nick, desligando o *bip* com o polegar e passando a mão pelo cabelo escuro. – Dá-me só um segundo.

Faço um leve aceno de compreensão e fico a observar o meu sexy e confiante marido a dirigir-se para a porta do restaurante, de onde fará a chamada necessária. Consigo perceber pela forma como percorre o labirinto de mesas – costas direitas e passadas largas – que se está a preparar para más notícias, predispondo-se para ajudar alguém, salvar alguém. É quando ele está no seu melhor. E foi por isso que me apaixonei por ele, já lá vão sete anos e dois filhos.

Nick desaparece na esquina e eu suspiro e ponho-me a observar o ambiente à minha volta, reparando, pela primeira vez, nos pormenores daquela sala. O quadro de arte abstracta sobre a lareira. O suave tremelicar das velas. O riso entusiástico da mesa ao nosso lado, onde o homem grisalho é o centro da atenção dos que aparentam ser a mulher e os quatro filhos crescidos. A suavidade do *cabernet* que beberrico sozinha.

Minutos depois, Nick reaparece com um sorriso tímido e pede desculpa pela segunda – e não certamente a última – vez.

– Tudo bem – sossego-o, buscando o nosso empregado com o olhar.

– Deixa, já falei com ele. Vai trazer-nos o jantar para levar.

Estendo a mão sobre a mesa e encontro a sua. Aperto-a suavemente e ele devolve-me o gesto. Enquanto esperamos que os nossos *filet-mignons* cheguem numa caixa de esferovite, considero perguntar-lhe o que se

passa, como quase sempre faço. Em vez disso, digo uma rápida oração pelas pessoas que não conheço, depois outra pelos meus filhos, seguros e aconchegados nas suas camas.

Imagino Ruby, ressonando baixinho, toda embrulhada nos lençóis, frenética até a dormir. Ruby, a nossa destemida primogénita de 4 anos que mais parece ter 14, com o seu sorriso fascinante e caracóis negros que desenhava sempre bem mais definidos nos auto-retratos – ainda demasiado novinha para saber que as meninas desejam sempre o cabelo que *não têm* – e olhos turquesa claro, um verdadeiro milagre genético para os pais, ambos de olhos castanhos. Tomou conta da nossa casa e corações, literalmente desde o dia em que nasceu – e de um modo que me deixa ao mesmo tempo exausta e maravilhada. É tal e qual o pai – teimosa, apaixonada e incrivelmente bonita. Uma menina do papá em todo o seu esplendor.

E penso em Frank, o nosso querido bebé, com uma ternura intrínseca que excede toda e qualquer noção de «bebé amoroso», de tal forma que as pessoas param na rua para o admirar. Tem quase 2 anos, mas ainda adora colo, aninhando o queixinho redondo e suave no meu pescoço, absolutamente fascinado pela mamã. «Não é o meu preferido», passo a vida a jurar a Nick sempre que ele sorri e me acusa dessa transgressão parental. Não tenho nenhum preferido, a não ser, talvez, o próprio Nick. Mas é um tipo de amor diferente, claro está. O amor pelos meus filhos é eterno e incondicional e eu, provavelmente, salvá-los-ia antes de Nick, na iminência de um ataque de uma cobra durante um acampamento – e no caso de ter apenas duas ampolas de antídoto. E, contudo, não há ninguém com quem eu goste mais de estar, conversar ou observar do que o meu marido – um sentimento sem precedentes que me dominou a partir do momento em que nos conhecemos.

A conta e o jantar chegaram instantes depois e Nick e eu levantámo-nos e saímos do restaurante para uma noite púrpura e estrelada. Ainda estamos no início de Outubro, mas parece mais Inverno que Outono – frio, mesmo pelos padrões de Boston – e sinto-me tremer sob o meu sobretudo de caxemira quando Nick recebe a chave das mãos do arrumador e entramos no carro. Deixamos a cidade e voltamos para Wellesley, falando pouco e ouvindo um dos muitos CDs de *jazz* de Nick.

Meia hora depois, estamos em casa.

– Achas que chegas muito tarde?

– É difícil de prever – diz ele, pondo o carro em ponto morto e debruçando-se para me beijar a bochecha. Volto a cara no momento certo e os nossos lábios unem-se suavemente.

– Feliz aniversário – murmura-me.

– Feliz aniversário – respondo.

Ele recosta-se e o meu olhar cruza-se com o seu, ouvindo-o dizer:

– Continuamos os festejos mais tarde?

– Claro – digo, forçando um sorriso e saindo do carro.

Ainda antes que eu feche a porta, ele aumenta o volume da música que enfatiza dramaticamente o fim de uma noite e o início de outra. Quando entro em casa ainda oiço os acordes de *Lullaby of the Leaves*, de Vince Guaraldi, que se mantêm por muito tempo, mesmo depois de pagar à *babysitter*, aconchegar os miúdos, despir o meu vestido preto sem costas e comer carne fria no balcão da cozinha.

Bem mais tarde, passando do lado de Nick na cama para o meu, estou sozinha no escuro, pensando naquela chamada no restaurante. Fecho os olhos, perguntando-me se ficaremos assim, eternamente cegos à chegada do infortúnio. Ou se, de algum modo, algures, e sob alguma forma interior de empatia, preocupação ou premonição, já o sentimos chegar?

Adormeço sem saber a resposta. Sem saber que esta será a noite que eu virei, afinal, a rebobinar.

2

Valerie

Valerie sabia que devia ter dito que não – ou melhor, *mantido* o seu não, resposta que dera a Charlie as primeiras dúzias de vezes que ele lhe suplicara para ir à festa. Ele tentara de tudo, incluindo a célebre frase culpabilizante «não tenho pai, nem cão», e, ao perceber que não levaria a melhor, recorrera ao apoio do tio Jason, a pessoa mais charmosa e convincente que Valerie conhecia.

– Vá lá, Valerie... deixa o miúdo divertir-se um bocado.

Valerie levou o dedo aos lábios para calar o irmão gémeo, apontando para a sala ao lado onde Charlie se dedicava a construir um complicadíssimo dragão da Lego. Jason repetiu a frase textualmente, desta vez sob a forma de sussurro exagerado, enquanto Valerie abanava a cabeça, declarando que o filho de 6 anos era pequeno demais para dormir fora de casa, sobretudo numa tenda no exterior. Era um tipo de discussão mais do que familiar, já que Jason teimava em acusar a irmã de ser demasiado protectora e rígida para com o filho único.

– Ah, claro... – ironizou ele com um sorriso. – Também ouvi dizer que os ataques de ursos tinham voltado em pleno a Boston.

– Que engraçadinho... – disse ela, perdendo-se em justificações do tipo «não conheço bem a família do rapaz e do pouco que vi, não gostei».

– Deixa-me adivinhar... são podres de ricos? – provocou-a Jason, puxando os jeans para cima – que teimavam sempre em descer-lhe pelas ancas ossudas deixando o cós dos boxers a descoberto. – E tu não gostas de o ver misturado com *esse* tipo de gente?

Valerie encolheu os ombros e não resistiu a sorrir, perguntando-se como é que ele tinha adivinhado. Era assim tão previsível? E como, perguntava-se pela milionésima vez, podia o seu gémeo ser tão diferente dela quando cresceram juntos, na mesma casa de telha castanha, no mesmo bairro católico-irlandês de Southbridge, Massachusetts? Eram os melhores amigos, partilhando o mesmo quarto até aos 12 anos, altura em que Jason se mudou para o sótão cheio de correntes de ar, para dar mais espaço à irmã. De cabelo escuro, olhos azuis e amendoados e pele clarinha, eram inclusivamente *parecidos*, e, muitas vezes, confundidos em bebês. No entanto, e segundo a mãe, Jason tinha nascido a sorrir, enquanto Valerie emergira carrancuda e preocupada – algo que se manteve ao longo da infância de ambos. Valerie, a tímida e solitária, vivendo a reboque do seu popular e extrovertido irmão, quatro minutos mais velho.

E agora, 30 anos mais tarde, Jason era mais feliz do que nunca, um optimista de trato fácil, saltando de um *hobby* e emprego para outro, absolutamente confortável na sua pele, sobretudo depois de ter saído do armário, pouco tempo após o pai morrer, estavam ambos no último ano do secundário. O clássico aluno que não desenvolveu o seu potencial, trabalhava agora numa cafetaria de Beacon Hill, fazendo amizade com quem quer que lhe entrasse pela porta, fazendo amigos onde quer que fosse, tal como sempre fizera.

Entretanto, Valerie continuava a sentir-se deslocada e na defensiva a maior parte das vezes, não obstante todos os seus sucessos. Tinha trabalhado tanto para fugir de Southbridge, acabando o secundário entre as dez melhores do seu ano, frequentando a Amhest College com uma bolsa de estudo, trabalhando depois como estagiária numa reputadíssima firma de advogados de Boston, enquanto estudava para o LSAT¹ e poupava dinheiro para a faculdade de Direito. Dizia frequentemente a si própria que era tão boa quanto os outros e mais esperta que a grande maioria e, ainda assim, nunca conseguira adaptar-se depois de ter deixado a sua terra natal. E quantos mais sucessos obtinha, mais se afastava dos seus amigos, sobretudo da melhor amiga, Laurel, que crescera três casas adiante da de

¹ Law School Admission Test, um exame administrado nos E.U., Canadá e Austrália pelo Law School Admission Council (LSAC) aos candidatos a qualquer curso de Direito. É concebido para determinar as capacidades lógicas e verbais dos candidatos e é um exame obrigatório na pré-inscrição em todas as escolas de Direito. (N. da T.)

Valkyrie e Jason. Este sentimento, subtil e inicialmente difícil de explicar, culminou num enorme desentendimento, num churrasco de Verão em casa de Laurel.

Uma noite, já depois de uns quantos copos, Valerie tinha feito um comentário desagradável sobre Southbridge ser sufocante e o facto de o noivo de Laurel ser *ainda mais* sufocante. Estava apenas a tentar ajudar, chegando a sugerir que Laurel se mudasse para o seu pequeno apartamento de Cambridge, mas arrependeu-se assim que as palavras lhe saíram da boca, desejando ter engolido o comentário e desfazendo-se em desculpas nos dias que se seguiram. Mas Laurel, que era famosa pelo seu mau feitio, pôs imediatamente Valerie fora de circulação, espalhando rumores sobre a sua arrogância dentro do círculo de amigos comum – raparigas que, tal como Laurel, viviam com os seus namoradinhos de secundário tornados maridos, no mesmo bairro em que cresceram, frequentavam os mesmos bares aos fins-de-semana, e trabalhavam nos mesmos empregos das nove às seis que os paizinhos tinham.

Valerie fez o possível para refutar todas as acusações, conseguindo mesmo resolver as coisas a um nível superficial – e resistindo sempre a regressar a Southbridge – mas sem nunca conseguir que as coisas ficassem como antes.

E foi durante esse período solitário que Valerie começou a agir de modo incompreensível, fazendo todas as coisas que jurara jamais fazer – especificamente, apaixonar-se pelo tipo errado, engravidar imediatamente antes de ele a deixar, e deitar a perder todos os planos de ingresso ao curso de Direito. Anos depois, perguntava-se algumas vezes se não teria querido inconscientemente sabotar todos os seus esforços para poder fugir de Southbridge e criar um tipo de vida diferente para si mesma – ou talvez não se tenha sentido digna da carta de aceitação da Harvard Law School, que pendurou na porta do frigorífico, junto às suas ecografias.

Fosse como fosse, sentia-se encurralada entre dois mundos, demasiado orgulhosa para rastejar para Laurel e as antigas amigas e demasiado envergonhada com a gravidez para poder manter os amigos de faculdade ou tentar forjar novos, em Harvard. Em vez disso, sentia-se cada vez mais só, lutando para tirar o curso de Direito e grávida de um filho. Jason entendeu quão difíceis as coisas foram para ela, naqueles primeiros meses e anos de maternidade. Viu perfeitamente quão exausta ela

andou, assoberbada pelo trabalho e as preocupações, e mostrou sempre um desmesurado respeito pela forma como a irmã trabalhava para se sustentar, a si e ao filho. No entanto, não conseguia entender porque é que ela insistia em viver emparedada do resto do mundo, sacrificando toda e qualquer vida social, à excepção de umas quantas amizades casuais. Ela desculpava-se com a falta de tempo, bem como com a dedicação extrema a Charlie, mas Jason não engolia aquilo, questionando constantemente irmã, insistindo que ela se servia do filho como escudo, uma forma de evitar correr riscos, uma forma de evitar mais rejeição.

Valerie deu por si a pensar na velha teoria do irmão, enquanto estava ao fogão fazendo uma dúzia de panquecas perfeitamente simétricas. Não era uma cozinheira de mão-cheia, mas era mestre em pequenos almoços especiais, graças ao seu primeiro emprego, servindo numa cafetaria, e à paixoneta que tivera por um dos ajudantes de cozinheiro. Isso fora há muito tempo, mas segundo a opinião de Jason, ela continuava a sentir-se mais como aquela rapariga que servia café, do que como a mulher e advogada de sucesso em que se tornara.

– És cá uma preconceituosa, tu... – comentou Jason, rasgando três folhas de papel de cozinha para servirem de guardanapos e indo pôr a mesa.

– Não sou *nada!* – retorquiu Valerie, dando voltas ao termo na cabeça, e admitindo timidamente que passava imensas vezes pelas mansões de Cliff Road assumindo que as pessoas que lá viviam eram superficiais, para não dizer mentirosas encartadas. Era como se associasse inconscientemente a riqueza à falta de carácter e quisesse desafiar aqueles estranhos a provarem-lhe o contrário. Não era justo, ela sabia, mas havia muitas coisas na vida que não eram justas.

Em todo o caso, Daniel e Romy Croft não tinham feito nada para lhe provar que estava enganada, quando os conheceu num dia de escola aberta aos pais. Como a maioria das famílias da Longmere Country Day, a escola privada que Charlie frequentava em Wellesley, os Croft eram inteligentes, atraentes e afáveis. Todavia, ao vê-los lerem-lhe o nome no cartão preso ao casaco e esforçarem-se por fazer conversa de circunstância, Valerie teve a nítida sensação de que estavam a olhar *através* dela, *para lá* dela, perscrutando a sala à procura de outro alguém – de preferência *melhor*.

Mesmo quando Romy falou de Charlie, algo no seu tom lhe soou a falso e moralista.

– O Grayson *adora* o Charlie – tinha dito, enquanto arrumava uma displicente madeixa loiro-branco atrás da orelha e fazendo uma pausa para, finalmente, abanar a mão no ar, ostentando o gigantesco anel de diamante do anelar. Numa terra conhecida pelas suas pedras gigantes, Valerie nunca tinha visto uma tão impressionante.

– O Charlie também gosta muito do Grayson – respondeu-lhe Valerie, cruzando os braços sobre a blusa rosa vivo e desejando ter levado antes o fato antracite. Por mais que se esforçasse, por mais dinheiro que gastasse no guarda-roupa, parecia sempre escolher a peça errada.

Nesse momento, os dois rapazinhos saíram da aula, sorridentes e de mãos dadas, com Charlie a liderar o caminho até à gaiola do *hamster*. Mesmo para um observador desatento, eram os melhores amigos, imperturbáveis fundadores de uma «sociedade de admiração mútua» de dois elementos. Então, porque raio teria Valerie assumido que Romy não estava a ser sincera? Porque não conseguia ela, Valerie, dar um pouco mais de crédito a si mesma? E ao filho, já agora? Fez essas perguntas a si própria, enquanto via Daniel Croft juntar-se à mulher e estender-lhe um copo de plástico com ponche, pousando suavemente a outra mão nas suas costas. Um gesto subtil que ela aprendera a reconhecer na sua análise profunda aos casais *casados* e um gesto que a deixava triste e invejosa em partes iguais.

– Querido, esta é a Valerie Anderson... a mãe do Charlie – declarou Romy tão prontamente que Valerie teve a sensação de ter sido já previamente comentada, bem como o facto de não existir o nome de um pai associado a Charlie no directório da turma.

– Ah, mas claro... – assentiu Daniel, apertando-lhe entusiasticamente a mão e estabelecendo um apático contacto visual. – Viva!

Valerie retribuiu o cumprimento e, depois de alguns minutos de conversa de circunstância, Romy entrelaçou os dedos das mãos e indagou:

– E então, Valerie... recebeu o convite para a festa do Grayson? Enviei-lho há cerca de duas semanas.

Valerie sentiu-se corar ao responder:

– Sim, claro... obrigada!

Ficou furiosa consigo mesma por não ter respondido logo por escrito, seriamente convicta de que o não responder a um convite num prazo aceitável – mesmo tratando-se de uma festa de criança – estaria entre as coisas que mais irritava Romy.

– E então? – insistiu a outra. – O Charlie pode vir?

Valerie hesitou, sentindo-se estranhamente intimidada por aquela mulher de irrepreensível educação e inabalável autoconfiança. Era como ver-se regressada aos tempos de secundário, quando Kristy Mettelman lhe oferecia uma passa do seu cigarro e uma voltinha no seu Mustang vermelho-cereja.

– Eu... ainda não sei. Vou ter de... consultar a nossa agenda. É... na próxima sexta-feira, certo? – balbuciou, como se tivesse centenas de eventos sociais a que atender nos tempos mais próximos.

– Isso mesmo – disse Romy, arregalando os olhos e exibindo um sorriso aberto ao cumprimentar outro casal acabado de chegar com a filha. – Olha, querido, a April e o Rob chegaram – murmurou para o marido. Depois tocou no braço de Valerie, atirou-lhe um último sorriso mecânico e disse:

– Foi *tão bom* conhecê-la... Esperamos ver o Charlie na próxima sexta-feira.

Dois dias depois, segurando o convite em forma de tenda, Valerie marcou o número dos Croft. Sentiu uma onda de inexplicável nervosismo – *ansiedade social*, segundo palavras do seu médico – enquanto esperava que alguém atendesse, seguida de um alívio palpável ao ouvir a mensagem do gravador pedindo-lhe que deixasse uma mensagem. Depois, e a despeito da sua determinada decisão no sentido contrário, deu por si a subir várias oitavas o tom de voz e responder:

– O Charlie *adorava* ir à festa do Grayson.

Adorava.

Foi esta a palavra que ela repetiu, assim que recebeu a chamada, umas escassas três horas depois de ter deixado Charlie com o seu saco-cama em forma de dinossauro e pijama com naves espaciais. Não *acidente* ou *queimado* ou *ambulância* ou *urgências* ou qualquer outra palavra que ouviu distintamente Romy pronunciar enquanto pegava na mala e nas chaves e saía disparada porta fora com destino ao Massachusetts General Hospital. Não conseguiu, sequer, dizê-las em voz alta quando ligou do carro para o irmão, com a irracional sensação de que pronunciá-las tornaria tudo mais real.

Em vez disso, disse apenas:

– Vem já. Despacha-te.

– Vou aonde? – indagou Jason sob o ruído de música de fundo.

Quando ela não respondeu, a música parou e ele repetiu, nervoso:

– Ir aonde, Val?

– Ao Mass General... Foi o Charlie – foi só o que conseguiu dizer, pisando o pedal do acelerador com mais força, excedendo em muito o limite de velocidade.

Sentiu as mãos suadas e os nós dos dedos a ficar brancos, da força com que se agarrou ao volante, mas, por dentro, estava estranhamente calma, mesmo depois de passar um sinal vermelho, depois outro. Era como se estivesse a assistir à cena de fora, ou como se tudo se passasse com outra pessoa qualquer. *É isto que as pessoas fazem*, pensou. *Ligam aos mais próximos; aceleram desalmadamente até ao hospital; passam sinais vermelhos.*

O Charlie adorava ir à festa do Grayson, ouviu-se de novo ao chegar ao hospital e seguindo as setas para as Urgências. Perguntava-se como conseguira ficar tão alheia ao perigo, deitada no sofá, de fato-de-treino, balde de pipocas, assistindo a um filme de acção com Denzel Washington. Como é que ela não viu o que se estava a passar naquela mansão de Albion? Porque é que não seguiu os seus instintos em relação a esta festa? Amaldiçoou-se em voz alta, num único e rouco *foda-se!*, o coração cheio de culpa e remorsos, entrando de rompante no edifício de tijolo e vidro à sua frente.

A partir daí, a noite torna-se vaga e nebulosa – mais uma parafernália de momentos desordenados do que uma suave cronologia. Irá lembrar-se de ter deixado o carro à porta das Urgências, não obstante o sinal de PROIBIDO ESTACIONAR, e de encontrar Jason, branco como a cal, atrás das portas de vidro automáticas. Irá lembrar-se da enfermeira da triagem, calma e eficiente, teclando no computador os dados de Charlie, antes de outra enfermeira a conduzir através de uma série de corredores a cheirar a lixívia até à Unidade de Queimados. Irá lembrar-se de chocar com Daniel Croft no caminho e de fazer uma pausa quando Jason lhe perguntou o que tinha acontecido. Irá lembrar-se da resposta vaga e plena de remorso de Daniel: *Resolveram assar marshmallows. Eu nem dei por nada* – e de ter tido a visão de Daniel teclando no seu *Blackberry*, ou admirando a magnífica vista, de costas voltadas para o fogo e para o seu único filho.

Irá lembrar-se do primeiro e sinistro vislumbre do corpinho inerte de Charlie, sedado e entubado. Irá lembrar-se dos seus lábios roxos, do pijama cortado e das ligaduras cobrindo-lhe a mão direita e o lado esquerdo do rosto. Irá lembrar-se do *bip* dos monitores, do zumbido do ventilador e das enfermeiras enérgicas e impávidas. Irá lembrar-se do seu desesperado apelo a Deus enquanto segurava a mão do filho e esperava.

Mas mais do que tudo, irá lembrar-se do homem que veio examinar Charlie a meio da noite, depois do seu pior receio se ter dissipado. Do modo como ele destapou cuidadosamente o rosto do filho, expondo a pele queimada sob as ligaduras. De como ele a levou lá fora para o corredor, se voltou para ela, abriu os lábios e começou a falar.

– Sou o Dr. Nick Russo – disse, num tom lento e profundo. – Sou um dos melhores especialistas do mundo em cirurgia plástica pediátrica.

Ela olhou-o bem no fundo dos olhos escuros e suspirou, de entranhas a palpitar, dizendo a si mesma que eles não teriam mandado um cirurgia *plástico* se o filho ainda corresse perigo de vida. Ele ia ficar bem. Não ia morrer. Valerie soube-o ao olhar o médico nos olhos. Depois, e pela primeira vez, pensou em como a vida de Charlie mudara. Como aquela noite lhe deixaria cicatrizes, físicas e não só. Sentindo uma cega determinação em protegê-lo, acontecesse o que acontecesse, ouviu-se perguntar ao Dr. Russo se iria conseguir reconstruir o rosto e a mão de Charlie; se ele conseguiria pôr o filho bonito novamente.

– Farei tudo o que estiver ao meu alcance pelo seu filho – respondeu-lhe ele. – Mas quero que nunca se esqueça de uma coisa. Faz isso por mim?

Ela assentiu, achando que ele lhe iria pedir que não esperasse por milagres. Como se ela se atrevesse, sequer, a fazê-lo, mesmo que apenas uma vez na vida.

Em vez disso, o Dr. Russo olhou-a fixamente e proferiu as palavras que ela jamais esquecerá:

– O seu filho *é* bonito. É bonito *agora*.

Valerie voltou a assentir, acreditando e confiando nele. E só aí, pela primeira vez desde há muito, vieram-lhe as lágrimas aos olhos.